

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

O midiático Grande Mestre do xadrez: o capital cultural intensificado pelo capital social

Jéssica dos Anjos Januário

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9471>

Submetido em: 2024-07-20

Postado em: 2024-07-23 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

O MIDIÁTICO GRANDE MESTRE DO XADREZ: O CAPITAL CULTURAL INTENSIFICADO PELO CAPITAL SOCIAL

JÉSSICA DOS ANJOS JANUÁRIO¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6789-2520>

jessica.anjos.januario@gmail.com

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar as condições de transmissão e os sentidos de produção das disposições acumuladas por um dos Grandes Mestres do xadrez brasileiro, considerando esta modalidade uma prática que é patrimônio cultural da humanidade e que pertence ao campo educacional. O método de produção dos dados baseou-se em entrevista retrospectiva semiestruturada presencial com o participante e a sua análise ocorreu por meio do *modus operandi* e de categorias sociológicas de Pierre Bourdieu, para além do aporte complementar da Análise Temática Reflexiva. Os principais resultados e discussões apontam para uma trajetória pautada pelo acúmulo de uma herança cultural familiar intensificada, em seus capitais, por uma rede extensa de relações também cultivada principalmente pelos capitais sociais instigados pela família. A desenvoltura e o vasto círculo relacional cultivados exercem forte influência sobre a atual posição ocupada pelo agente, o qual atua nos processos de massificação e popularização da modalidade por meio da produção de conteúdos instrutivos e educativos no círculo da *internet*. É um agente que, portanto e a despeito de sua maestria, rompe com certo elitismo e decifra um universo conhecido e reconhecido por ser indecifrável. Conclui-se que o desvelamento de mecanismos ocultos em seu percurso contribui para o fortalecimento de uma perspectiva contextual, complexa e relacional em que se assenta uma história de vida. Em tudo oposta, portanto, às explicações essencialistas como a meritocrática para a fundamentação de desempenhos prolongados e de sucesso.

Palavras-chave: campo educacional, xadrez, capital cultural, capital social, Pierre Bourdieu.

THE MEDIA CHESS GRANDMASTER: CULTURAL CAPITAL INTENSIFIED BY SOCIAL CAPITAL

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze the conditions of transmission and the meanings of production of the dispositions accumulated by one of the Brazilian chess Grandmasters, considering this modality a practice that is a cultural heritage of humanity and that belongs to the educational field. The data production method was based on a retrospective semi-structured in-person interview with the participant and its analysis occurred through Pierre Bourdieu's *modus operandi* and sociological categories, in addition to the complementary contribution of Reflective Thematic Analysis. The main results and discussions point to a trajectory guided by the accumulation of a family cultural heritage intensified, in its capitals, by an extensive network of relationships also cultivated mainly by social capitals instigated by the family. The resourcefulness and vast relational circle cultivated exert a strong influence on the current position occupied by the agent, who acts in the processes of massification and popularization of the modality through the production of instructive and educational content in the internet circle. He is an agent who, therefore and despite his mastery, breaks with a certain elitism and deciphers a universe known and recognized as being indecipherable. It is concluded that the unveiling of hidden mechanisms along its path contributes to the strengthening of a contextual, complex and relational perspective on which a

life story is based. In every way opposed, therefore, to essentialist explanations such as meritocratic for the basis of prolonged and successful performance.

Keywords: educational field, chess, cultural capital, social capital, Pierre Bourdieu.

EL MEDIÁTICO GRAN MAESTRO DEL AJEDREZ: EL CAPITAL CULTURAL INTENSIFICADO POR EL CAPITAL SOCIAL

RESUMEN: El objetivo de este estudio es analizar las condiciones de transmisión y los significados de producción de las disposiciones acumuladas por uno de los Grandes Maestros del ajedrez brasileño, considerando esta modalidad una práctica que es patrimonio cultural de la humanidad y que pertenece al campo educativo. El método de producción de datos se basó en una entrevista personal retrospectiva semiestructurada con el participante y su análisis ocurrió a través del *modus operandi* y categorías sociológicas de Pierre Bourdieu, además del aporte complementario del Análisis Temático Reflexivo. Los principales resultados y discusiones apuntan a una trayectoria guiada por la acumulación de un patrimonio cultural familiar intensificado, en sus capitales, por una extensa red de relaciones cultivadas también principalmente por capitales sociales instigados por la familia. El ingenio y el vasto círculo relacional cultivado ejercen una fuerte influencia en la posición actual que ocupa el agente, quien actúa en los procesos de masificación y popularización de la modalidad a través de la producción de contenidos instructivos y educativos en el círculo de internet. Es un agente que, por tanto y pese a su maestría, rompe con cierto elitismo y descifra un universo conocido y reconocido como indescifrable. Se concluye que el develamiento de mecanismos ocultos a lo largo de su recorrido contribuye al fortalecimiento de una perspectiva contextual, compleja y relacional en la que se sustenta una historia de vida. Por lo tanto, se opone en todos los sentidos a explicaciones esencialistas como las explicaciones meritocráticas sobre la base de un desempeño prolongado y exitoso.

Palabras clave: campo educativo, ajedrez, capital cultural, capital social, Pierre Bourdieu.

INTRODUÇÃO

O campo educacional, espaço relativamente autônomo frente à sociedade e dotado de propriedades que se encontram em disputa (BOURDIEU, 1983) possui, dentre as práticas que nele concorrem enquanto patrimônios culturais da humanidade, a modalidade do xadrez. De acesso e compreensão de poucas pessoas dado o elevado grau de capital interpretativo por ela exigido (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998), os percursos prolongados que ascendem da iniciação ao alto rendimento são, nesta atividade, ainda mais raros. Compreendidas como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (BOURDIEU, 2008, p. 81), tais trajetórias são, tal qual o sistema educativo, demarcadas por titulações que conferem distinção e privilégios às poucas pessoas que as detêm. E, isto, especialmente em um país com tênue conhecimento e reconhecimento do enxadrismo como é o caso, em escala mundial e latino-americana, do contexto brasileiro (SOUZA, 2010).

No Brasil, considerando toda a história de recepção e circulação desta prática, há o montante de 29.143 pessoas pelas quais se têm registros oficiais de frequência a eventos promovidos pelo órgão internacional responsável por ela (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2024). Destas, apenas 15 foram os enxadristas – todos eles homens – a galgarem o título máximo pelo xadrez conferido, a saber, o de Grande Mestre (GM). Tal honraria é obtida a partir da conquista de uma série de requisitos técnicos deveras específicos da modalidade, sendo o principal deles a posse da marca de 2.500 pontos no *ranking* mundial que classifica as pessoas que o praticam. De modo relacional, o melhor enxadrista da atualidade acumula 2.832 desta pontuação, a qual é no interior do campo denominada *rating*, enquanto que o brasileiro mais bem ranqueado possui, por sua vez, 2.592 pontos. Afere-se, assim, que mesmo entre a elite enxadrística há diferentes graus de excelência, ou coletivamente, frações de uma mesma classe.

No entanto, feitos extraordinários como os que acumulam o grupo social composto pela grande maestria enxadrística são, em senso comum, por vezes avaliados a partir de concepções substancialistas, ao exemplo da meritocrática. Na direção de desvelar os mecanismos que muitas vezes são ocultados no *continuum* estabelecido por estes percursos e, portanto, na contramão das perspectivas anteriormente citadas estão, por sua vez, recentes investigações (JANUÁRIO, 2014, 2017) que têm se dedicado a analisar as trajetórias de vida destes agentes na completude dos aspectos educacionais e socioculturais que lhes são tão caros. Nesta incursão, o conceito de herança cultural familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014) tem sido recorrente enquanto regularidade que auxilia a explicar acontecimentos de elevada proeza no xadrez: mais do que um evento incomum, uma realização assentada em todo um pano de fundo cultural, econômico e social, tenro e prévio mas, sobretudo, repleto de dissimulados privilégios.

Com o intento de colocar em foco justamente a particularidade brasileira da grande maestria enxadrística é que, elementarmente, o objetivo desta pesquisa se debruça à análise das condições de transmissão e sentidos de produção das disposições acumuladas pelos Grandes Mestres brasileiros, elegendo o recorte representativo de um deles para que justamente o enfoque seja realizado a partir de certa profundidade. A decisão pela apresentação única de um destes agentes no espaço deste artigo ocorreu por sua destacada posição ocupada no cenário brasileiro contemporâneo, sendo ele o Grande Mestre com maior visibilidade midiática, principalmente, devido a veiculação de sua imagem e produção de conteúdos diversos em diferentes canais e redes sociais que compõem a esfera da *internet*.

MÉTODOS

O delineamento teórico-metodológico deste trabalho é consubstanciado pela complementariedade do *modus operandi* e das categorias do filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930 – 2002). Em específico, foram centralmente mobilizados os conceitos de campo, *habitus*, capitais, herança cultural familiar, *doxa* e violência simbólica. Para a produção dos dados, conduziu-se entrevista retrospectiva semiestruturada presencial com o enxadrista, o qual será designado por GM 2 (ordem de realização de sua entrevista) para efeito de garantia de seu anonimato. O contato inicial com ele foi realizado por meio de informações prévias sobre o estudo em seu endereço eletrônico, oportunidade esta em que ele optou pela participação e sugestão de dias e horários de sua preferência para a efetivação do diálogo. A duração da interlocução rendeu 1:13:46 horas, sendo realizada no âmbito de uma das edições do maior evento anual que reúne a comunidade enxadrística brasileira. O registro do áudio ocorreu por meio do auxílio de um gravador digital que, por sua vez, tornou possível a transcrição literal e pessoal do depoimento. Esta, após finalizada, foi devolvida a GM 2 para que ele pudesse fazer a sua conferência, alterando trechos descritos se assim o desejasse. Este, entretanto, não foi o seu caso, uma vez que não houveram alterações na versão final escrita da entrevista.

Para a análise dos dados utilizou-se a Análise Temática Reflexiva (BRAUN; CLARKE, 2017, 2019, 2020), método de exame qualitativo popular que auxiliar a identificar, organizar e oferecer subsídios a fim do reporte de padrões (temas) ao longo da base de dados mobilizada. Entre as decisões que delineiam a sua vertente estiveram as opções pela: a) descrição do relato detalhado de dado aspecto em particular; b) análise teórico-dedutiva; c) temática latente e d) epistemologia construcionista. Esta pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 57818016.7.0000.5659 e parecer 1.761.845.

REFERENCIAL TEÓRICO

A perspectiva teórico-metodológica *bourdieusiana*, a qual se caracteriza por seu componente praxiológico e reflexivo, foi adotada neste trabalho pela sua pertinência dada a temática central analisada. Além de seu modo de operação, os principais conceitos do autor mobilizados nesta pesquisa serão a

seguir elucidados, quer seja, o de campo, *habitus*, capitais, herança cultural familiar, *doxa* e violência simbólica. Cada um deles compõe um arsenal relacional entre si e com poder explicativo sobre as nuances que versam acerca a trajetória de vida do participante neste estudo considerado.

Em princípio, o campo reflete um espaço de posições sociais em que há a produção, consumo e classificação de determinados bens, havendo a luta pelo direito de formação e hierarquização deste patrimônio. A sua relativa autonomia em relação à sociedade define os graus de atração e refração com que os acontecimentos desta intervêm em seu interior, sendo este um movimento dialético na medida em que o campo também interfere no contexto societário vigente (BOURDIEU, 1983).

Já o *habitus* é compreendido como uma fórmula que relaciona as posições sociais, as disposições e as tomadas de posição, definindo – mesmo que de forma abstrata e obscura – as decisões que os agentes tomam nos mais diferentes domínios de prática (BOURDIEU, 1996). Se configura como um sistema de disposições produzido por aprendizagens intencionais ou não e que opera como um conjunto de esquemas construtores de estratégias que podem se alinhar com os interesses objetivos do agente sem necessariamente ser concebido para este fim (BOURDIEU, 1983).

Capitais, por sua vez, podem ser definidos como instrumentos de acumulação que proporcionam maiores possibilidades de retorno ao investimento realizado na medida em que o seu volume é maior em determinado mercado. Suas principais espécies, as quais podem ser passíveis de reconversão de acordo com o campo, correspondem ao capital econômico, capital social e capital cultural. O capital econômico denota uma moeda de troca valorizada conforme o sistema de produção, sendo dele exemplos o salário e os imóveis (BOURDIEU, 1989). O capital social designa o fundamento de efeitos sociais advindos do cultivo de uma rede de relações que pressupõe conhecimento e inter-reconhecimento, podendo ser compreendido no nível dos agentes mas não redutível ao seu conjunto de propriedades apenas individuais (BOURDIEU, 1998). O capital cultural se refere a uma variedade de práticas educacionais associadas às normas dos grupos sociais capazes de impor os critérios de socialização mais favoráveis, por exemplo, por meio de sistemas sucessórios. Este, por sua vez, pode ser dividido em três diferentes estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O estado incorporado está relacionado à maior parte das propriedades do capital cultural, uma vez que está ligado ao corpo e, portanto, ao processo de incorporação. Sua acumulação exige tempo livre e esforços por parte do agente, sendo este um trabalho sobre si mesmo. O estado objetivado é objeto de uma apropriação material e simbólica que só existe como capital ativo e atuante na condição de ser efetivamente assimilado. Por último, o estado institucionalizado é entendido como uma competência cultural que confere a quem o porta um valor convencional, sendo dele exemplos as certificações, diplomas e títulos (BOURDIEU, 1998).

Estreitamente relacionada ao capital cultural está, por conseguinte, a herança cultural familiar. Ela condiz com o acúmulo de bens simbólicos e materiais – sobretudo capitais culturais – inscritos nas estruturas corporais e cognitivas que constituem o *habitus* por meio do qual os agentes asseguram a reprodução social e elaboram as suas trajetórias. Seus esquemas de aquisição são preponderantemente formados por processos de socialização primários e, portanto, sensíveis àquilo que a família considera relevante para ser transmitido (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Por seu turno, a *doxa* representa uma visão imposta a cabo de lutas em relação a visões concorrentes. É a perspectiva correta e dominante, evidência aquém da consciência e da escolha que só se institui sendo alvo de disputas, principalmente, entre agentes dominantes e dominados. Suas principais posturas abarcam a ortodoxia, a qual é formada por estratégias de conservação e a heterodoxia, composta por condutas de subversão da ordem (BOURDIEU, 1996).

Enfim, a violência simbólica simboliza os determinismos e a força de coação social, sendo este um mecanismo que torna naturalizada a visão de um agente sobre representações ou ideias dominantes. Desenvolve-se tanto em uma escala individual quanto institucional pela qual se apoia o exercício de autoridade, estabelecendo um ponto de vista redutor e destruidor da estética dominante que faz com que modos de vida dominados, mesmo por seus praticantes, sejam quase sempre percebidos como tal (BOURDIEU, 1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

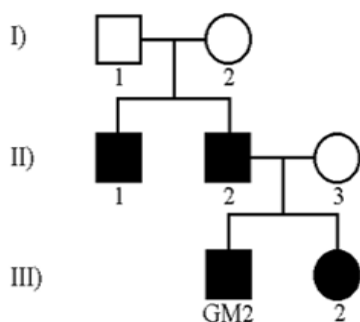
Esta seção apresenta as tabelas socioeconômicas de informações sobre o participante e sua família, heredograma genealógico sobre a incidência do xadrez na família do enxadrista e, por fim, uma síntese narrativa com aspectos que se sobressaíram ao longo do exame de sua trajetória de vida.

Tabela 1 – Características socioeconômicas do participante GM 2 e de sua família

Informações relativas ao agente	Gênero	Masculino	Informações relativas à sua família	Núcleo familiar	4 membros
	Cor da pele	Branca		Escolaridade do pai	Ensino Superior
	Escolaridade	Ensino Superior		Ensino	Público (E. Superior) Público (E. Básica)
	Ensino	Privado (E. Superior) Privado (E. Básica)		Profissão do pai	Publicitário (Aposentado)
	Curso	Administração de Empresas		Escolaridade da mãe	Ensino Superior
	Local de nascimento	São Paulo (SP)		Ensino	Privado (E. Superior) Privado (E. Básica)
	Local de residência	São Paulo (SP)		Profissão da mãe	Corretora de imóveis
	Profissão	Atleta de xadrez		Renda média	R\$: 8.000,00

Fonte: elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Figura 1 – Heredograma genealógico sobre a incidência do xadrez na família do participante GM 2



Legenda: Os homens são designados pelos quadrados, enquanto as mulheres pelos círculos. Os algarismos romanos denotam as gerações e os arábicos nomeiam os indivíduos dentro das gerações. O preenchimento das formas (figuras pretas) demonstra o contato do membro com o xadrez, enquanto o não preenchimento das formas (figuras brancas) evidencia a sua ausência ou impossibilidade de apreensão.

Síntese narrativa – “GM 2: a intensificação do capital cultural por meio do capital social

GM 2 tem 30 anos, nasceu e reside com seus pais na capital São Paulo (SP) onde atualmente é atleta de xadrez, com isso tendo uma renda familiar média de R\$: 8.000,00. Embora não siga a carreira, como há de se notar pela incorporação de disposições passadas e potenciais de sua herança cultural (BOURDIEU, 2003) diferentes daquelas proporcionadas por seus estudos universitários, formou-se pela Universidade Presbiteriana Mackenzie no curso de Administração de Empresas. cursou as etapas anteriores também na modalidade de ensino privado tendo, juntamente com a sua irmã, estudado por um curto período de tempo também na Itália.

Conformam a sua família o pai, mãe e a irmã mais nova. De origem armênia, todo o processo de escolarização de seu pai ocorreu em território libanês, indicando ter sido este o local de residência de seu pai e tios paternos durante a infância. Por lá, vivenciou a modalidade de ensino privado desde a Educação Básica até o Ensino Superior, nível em que se formou no curso de Arquitetura. Antes da sua atual condição de aposentado, entretanto, trabalhou a vida inteira na área de desenhos como publicitário.

Com trajetória escolar privada até o Ensino Superior e à semelhança de seu pai, sua mãe possui formação em Psicologia atuando, entretanto, como corretora de imóveis. Sua irmã, como GM 2, cursou todas as etapas anteriores à sua formação em Engenharia de Produção (USP) no ensino privado, dele diferindo pela entrada em uma universidade pública. Atualmente, exerce a profissão de consultora.

GM 2 foi iniciado ao xadrez de 6 para 7 anos pelo seu pai no ambiente de seu lar, sendo as lembranças de prática entre eles durante a infância associadas às brincadeiras nos momentos de lazer após a chegada de seu pai do trabalho. Um traço de seriedade (BOURDIEU; PASSERON, 2014) destes momentos, entretanto, parece ter sido garantida pelo fato de que o seu pai, inicialmente, nunca o deixara ganhar. Muito mais um admirador da modalidade, ao contrário do seu tio paterno que possuía a prática enxadrística amadora nos clubes, segundo GM 2 o seu pai “sabia o básico”. Ainda de acordo com suas impressões, este o teria ensinado tanto porque achasse que o xadrez seria um jogo do qual gostaria de aprender, como pela influência armênia advinda das origens paternas. País, por sua vez, 3 vezes campeão das Olimpíadas de Xadrez na última década e, de acordo com GM 2, onde seus jogadores são tratados como verdadeiras celebridades.

Residindo na Espanha e, por isso, tendo o visto raras vezes na vida, GM 2 relata que seria o seu tio paterno, afinal, um aceitável jogador amador de clube. Não obstante as interações decorrentes de tal distância geográfica, como observava Bourdieu (1996) a respeito da intermitência entre agentes afastados por um breve – ou, neste caso, alongado – período de espaço e de tempo, a apreensão para além da sua aparência, segundo este autor e também neste caso, só encontrou meios de se dar considerando a dinâmica do espaço social e simbólico que os aproximavam. Tendo o visto raras vezes na vida, a distância física não impediu que o tio sempre estivesse de GM 2 próximo, entretanto, por meio do envio de recortes de jornal veiculados por uma coluna de xadrez espanhola. Guardando-os com carinho, GM 2 relata que este contato é até hoje mantido, dentre outros, por meio da troca de e-mails sempre zelosos por parte de seu tio sobre o andamento de sua carreira no xadrez:

“Ele me mandava e era legal porque ele mesmo recortava e me mandava na carta escrevendo às vezes alguma coisa, assim. Mas era legal porque a gente tinha esse contato, mesmo nem conhecendo o meu tio pessoalmente a gente tinha esse contato. Então teve esse incentivo também, meu pai sempre ficava feliz quando ele me mandava, falando “estuda esses jogos aqui que eles são importantes!”, enfim. Coisa de pai, mas isso acho que foi uma coisa que me ajudou a motivar também, né?”.

As figuras de sua mãe e irmã, por sua vez, configuravam um apoio relativo ao universo enxadrístico desprovido de certo capital interpretativo (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998) da modalidade. Mesmo tendo a sua irmã disputado algumas partidas nos ambientes de torneios e de sua escola quando mais nova, de acordo com GM 2, se a maneira com que ambas se importavam por seus feitos neste espaço destituía-se de tanta compreensão, por outro lado, carregava-se de constante orgulho. Particularmente sobre sua mãe, sinaliza: “se perguntarem sobre os meus títulos, sei lá, ela deve saber que eu ganhei um Brasileiro e que eu sou Grande Mestre, vamos dizer que o importante, assim [risos]”. Pelo oposto, parece ter sido em seu pai que a demanda cultural necessária para a interpretação da prática enxadrística esteve presente, sendo exemplo os relatos de GM 2 sobre as viagens de torneios onde o seu pai não só assistia, mas dava opiniões sobre suas partidas. Pelo exposto pela família de GM 2, tais quais em outros espaços, o xadrez parece se configurar como uma área de reserva preponderantemente masculina (BOURDIEU, 2014) em relação a seus arautos.

Até ficarem bem à vontade com o meio do xadrez e entender o seu funcionamento – ou, em termos *bourdieusianos* apreender a estrutura deste campo (BOURDIEU, 2003) – GM 2 e seu pai perceberam a importância de contatarem, inicialmente, alguns treinadores de xadrez. Tal atitude pode ser indicativa do reconhecimento da ortodoxia destes agentes como detentores dos princípios de visão (BOURDIEU, 1996) necessários em um espaço que, considerando Bourdieu, Dauncey e Hare (1998), pode ser que seja exigente ritos de entrada de alto grau de interpretação. É disto indicativo a fala de GM 2 sobre o seu processo de ingresso no campo enxadrístico:

“Quando você começa a conhecer o meio, as pessoas, como é que são os campeonatos, quem são os treinadores de verdade e quem são as pessoas, assim, que você pode confiar... Quando

você não conhece nada é uma coisa meio assustadora, né? Você fala ‘nossa, mas como é que começa, né?’, ‘quero treinar, quero melhorar’. Aí pensa ‘como é que eu posso começar a treinar, melhorar, com quem, onde?’ ou ‘quem que tá certo, quem que tá errado?’. A gente não sabia de nada, mas depois a gente começou a ir muito [em torneios] e ficamos bem à vontade com o meio, começamos a conhecer as pessoas”.

Acumulando, portanto, algum capital social (BOURDIEU, 1998) durante os roteiros de viagem para as competições de xadrez, GM 2 ainda trouxe que o seu pai, nestas ocasiões, intermediava alguns contatos que não só lhe garantiam boas oportunidades de competições e treinamento nesta prática, mas também faziam com que ele conhecesse e fosse reconhecido pelos principais agentes daquele espaço. Estratégias estas que podem indicar, talvez, algum interesse paterno pela disputa de distinção (BOURDIEU, 2007). Algum tempo depois, foi também por iniciativa do seu pai que GM 2 começou a ter aulas formais de xadrez no ambiente de um clube privado da cidade ou, mesmo e simultaneamente a isso, por meio de algumas aulas particulares.

Responsável por lhe “despertar o gosto” pelo xadrez, segundo as suas próprias palavras, GM 2 atribuiu um lugar importante para as suas primeiras aulas sistematizadas de xadrez, as quais ocorriam a cada 15 dias em um caráter recreativo. GM 2 também recorda que, embora nestas também fossem transmitidos conhecimentos técnicos, o modo como o seu primeiro professor as conduzia foi de fundamental importância para que se mantivesse entusiasmado pelo xadrez, uma vez que “elas eram muito divertidas e ambos sempre riam muito”. Após este período, também pelo seu pai foi levado a conhecer o “Clube de Xadrez São Paulo”, reduto enxadrístico nacionalmente reconhecido pela sua história e relevância (CLUBE DE XADREZ SÃO PAULO, 2024), local do qual GM 2 e seu pai eram frequentadores assíduos toda semana.

Ainda entre as oportunidades proporcionadas pela sua família, GM 2 ressalta um período de treinamento de 1 mês na Armênia, país pelo qual seu pai guardava as origens. Em contrapartida, uma possível análise desta e de outras experiências internacionais relacionadas com a finalidade explícita de elevar o seu desempenho no xadrez possa ser aquela que as considere como verdadeiras “peregrinações culturais” (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Nesta, em específico, não só a ida àquele país mas também a vinda ao Brasil do treinador que o acompanhava por lá em duas ocasiões diferentes também foram feitos possíveis para GM 2 graças ao investimento familiar. De novo aqui o elevado capital social (BOURDIEU, 1998) de seu pai se manifesta, agora, pelo contato que este tinha com o cônsul da Armênia no Brasil, sendo que esta “foi uma intermediação que facilitou sobre quem eram os treinadores armênios em que a gente poderia confiar”, de acordo com GM 2. “Código dos códigos” Bourdieu (2003, p. 101) manifestados não só no domínio do xadrez mas, agora possibilitando o intercâmbio de GM 2 por meio do contato com um diplomata, pode ser que indique o ecletismo e disposição estética pelos quais seu pai era um portador manifestando-os, especialmente, no explorar das possibilidades de suas relações sociais. Por fim, ainda sobre esta experiência, GM 2 considerava que a relação que mantinha com o treinador armênio que o acompanhava era como aquela que estabelecem pai e filho, muito embora essa pareça ser muito mais uma representação ilustrativa do que, de fato, alusiva à sua própria relação com o pai. O sentido “parental” desta relação, assim, assentaria sobre as broncas pesadas que ele o dava o tempo todo, chocando GM 2 e causando-lhe tristeza em alguns momentos. Nestes, no entanto, lembrava-se que levava o xadrez muito a sério e que, portanto, precisava aceitá-las. Ainda que a discussão sobre os métodos de treinamento utilizados por tal treinador não seja objetivo deste trabalho, a aceitação de GM 2 pode ser indicativa de uma relação dóxica (BOURDIEU, 1996) inconsciente frente à violência simbólica característica das possíveis ações pedagógicas por ele exercidas (BOURDIEU, 1983, 1998).

Considerando o circular pelo tema da violência simbólica, fato também é que na sua escola – instituição de pequeno porte para descendentes armênios, como descrita por GM 2 – não havia o xadrez. Entretanto, como tem sido recorrente durante esta narrativa, também aqui o capital social (BOURDIEU, 1998) de seu pai e, agora, também de GM 2, foram expressivos para pequenas e intermitentes mudanças em direção a este quadro. O primeiro, com a ajuda do primeiro professor de xadrez de GM 2 e de professores internos da escola, auxiliou a lá organizar um pequeno torneio escolar para cerca de 40 crianças; o segundo, por sua vez, foi agente disseminador de um *habitus* (BOURDIEU, 1983) enxadrístico entre seus pares, mais especificamente, ensinando os seus colegas de sala a jogar

durante os momentos de intervalo dos recreios. O capital simbólico ou, em outras palavras, “o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento” (BOURDIEU, 2004, p. 166) também parece ter sido por GM 2 conquistado no meio escolar em decorrência disto pelo reconhecimento que seus colegas começaram a apresentar sobre o seu elevado desempenho no xadrez, sendo disto exemplo a sua menção a uma situação em que certa vez fora sido cumprimentado por um colega mais novo de outra sala que havia jogado o torneio. Certo interesse de seu pai na organização deste evento com vista à obtenção de lucros futuros neste espaço por GM 2, essencialmente simbólicos, culturais e sociais, assim, parece ter sido uma das intenções paternas.

As amizades cultivadas nos meios por onde o xadrez circulava nos ambientes inicialmente frequentados, destacadamente o clube e as competições, compuseram relações que auxiliaram no desenvolvimento de GM 2 mesmo após ter cessado o frequentar destes *locus*. Sobre isso, comenta: “me ajudou a criar uma base, uma rede de amigos que, embora poucos tenham seguido [no xadrez], foi algo que me ajudou a chegar no alto rendimento”. Entre tais laços, encontra-se aquele estabelecido com o GM 8 a partir do ambiente dos torneios, sendo ele alguém com quem estava junto sempre, seja treinando ou viajando. Um segundo fator que colaborou para o fortalecimento da amizade com GM 8, além da “divisão de vitórias e derrotas no tabuleiro”, parece ter sido o fato de que este à época morava na cidade de Curitiba (PR), sendo uma cidade cheia de torneios e, então para GM 2, “oportunidade ali não faltava”:

“Nessa época, quase todos os nossos assuntos tinham principalmente a ver com campeonatos, com ‘quem jogou tal partida’ ou ‘como é que ganha esse final’, enfim. Assuntos bem específicos de xadrez mesmo, né?”.

O “interconhecimento e inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 1998, p. 67) advindos de uma rede de relações privilegiada no que toca ao capital cultural de GM 2 parece, atualmente, também assentir-se de maneira próxima por meio de sua namorada. Como ele enxadrista desde pequena, foram presentes relatos sobre o acompanhamento que esta o fazia durante as competições, condição que quando não era possível era manifestada também pelo apoio dedicado após os resultados adversos inerentes ao jogo. Em contraponto, GM 2 relata que, entre o próprio conjunto de Grandes Mestres brasileiros, parece haver uma atual rarefação em seus convívios, visto que muitos deles hoje em dia treinam sozinhos ou mesmo chegam a ocultar alguns aspectos relativos a este treinamento como “não falar com quem você treina, onde você treina”, dentre outros, o que na sua perspectiva seria “natural” e ocorrente também em todos os outras práticas culturais de excelência. Uma possível leitura disto seja a adoção de uma atitude ortodoxa por esses sujeitos, considerando a situação dominante com que ocupam neste subcampo e, disto decorrente, um ponto de vista particular que deseja impor-se como universal (BOURDIEU, 1996) e que, portanto, privilegia relações inconscientes de submissão – ou, neste caso omissão – dos meios de treinamento ou quaisquer outros nela implicados. Assim como o poder simbólico pode se constituir como “um poder de revelar ou consagrar coisas que já existem” (BOURDIEU, 2004, p. 167), a partir da posição que ocupam, estariam a esse grupo garantidas as condições de posse e eficácia simbólica para a legitimação de seus discursos. Para mudar o estado do espaço de disputas enxadrísticas – ou, como aponta GM 2 sobre a ocorrência de ocultações sobre ação ou funcionamento também de outras práticas – poder-se-ia pensar sobre a sugestão de Bourdieu (2004, p. 166): “para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos”.

A visão e incentivo de seus pais, outrora consistido pela visão do xadrez como uma prática que ocupasse o tempo na infância de GM 2 e “abrisse a sua cabeça para outras coisas”, na juventude encontrou-se transfigurada por meio de uma expectativa possível de carreira enxadrística também por parte destes. Desde lá, a única exigência de seus pais era para que GM 2 colocasse alguma seriedade em quais fossem as atividades relacionadas a essa prática, o que à luz de Bourdieu e Passeron (2014) – sendo justamente “jogos sérios e jogos de seriedade”, título do segundo capítulo de “Os herdeiros: os estudantes e a cultura” – pode ser analisado como um possível estímulo de uma crença de que, afinal, o xadrez era um jogo que merecia ser jogado. Não é de se espantar, portanto, que a expectativa de prolongamento da carreira de GM 2 no xadrez, como se verá no trecho a seguir, é por seus pais encarada com uma seriedade – ou neste caso, tranquilidade? – muito maior do que aquela que ele próprio carregava:

“Em nenhum momento da faculdade meus pais tinham alguma dúvida sobre eu caminhar, ao mesmo tempo, sempre rumo à faculdade e tentando me profissionalizar no xadrez, uma vez que não tinha muita expectativa, assim, né? Porque os exemplos que eles viam, principalmente meu pai que viajava junto comigo, eram de jogadores bem das antigas que não eram tão destacados em suas carreiras, mas que se viravam com o xadrez. Mas pô, isso não é um bom exemplo também, né? Eu não achava que tinha muita perspectiva de jogar xadrez e que, enfim, era muito melhor focar na faculdade. Mas eles nunca, jamais foram negativos em relação ao xadrez. Eles tinham uma certa preocupação, mas continuavam me apoiando, assim”.

Dentre as demais atividades praticadas durante a infância, estiveram para GM 2 o futebol e o basquete, sendo que por vezes elas encontravam-se impedidas por sua agenda cheia de torneios. Hoje em dia continua mantendo rara a prática do futebol ou de qualquer outra atividade para além do xadrez, sendo apenas o cuidado com o seu condicionamento físico mantido com caminhadas. GM 2, assim como Guilarte (2012), considera que isso influi sobre o seu desempenho na modalidade. Ainda sobre seus momentos de lazer, GM 2 – assim como GM 1 – percebe que o xadrez: “se tornou uma coisa que tomou conta da cabeça de um jeito que é impossível passar um dia sem ter algum contato ou pensando, mesmo que eu esteja viajando, numa conta assim”.

Enfim, a perspectiva de GM 2 sobre a influência que o “talento” teve ao longo de seu percurso parece ter sido ínfima. Para chegar a esta conclusão, esboça uma visão relacional – compartilhada pela ótica *bourdieusiana* – do peso dessa influência em sua experiência e, para além, também naquilo que ele percebe em outros Grandes Mestres. Em interessante conclusão, GM 2 “não sabe nem se dá pra falar em talento, mas em uma facilidade”. Embora não tenha explícita consciência sobre o que seria essa facilidade – ou melhor, a sua herança cultural (BOURDIEU; PASSERON, 2014) – faz questão de expressar:

“No xadrez eu acho que tem uma ideia meio errada, assim, de talento. Ou de que tem que ser inteligente, de que tem que ser não sei o quê. Não tem que ser nada, tem que ser sério, tem que ser focado, tem que ter todas essas coisas que a gente falou. Sempre alguém tem alguma facilidade, não sei exatamente descrever o que foi que me ajudou, mas foi uma facilidade. Mas eu acho que muitas vezes esse talento é, vamos dizer, a facilidade de se estudar, a facilidade de ter paciência, a facilidade de ter as qualidades de que você precisa. Não, em si, esse talento daquela coisa que você tem uma noção e de que se fala muito de que é ‘quando a pessoa é um gênio’ ou ‘a pessoa bate o olho e já sabe que vai vingar’, isso eu acho que teve uma influência pequena. Eu só acho que eu tenho características boas para conseguir treinar ou para conseguir, enfim, ter essa dedicação”.

A partir do exposto, pôde-se perceber que GM 2 ensina importantes lições sobre a sua herança cultural. A primeira delas, sobre o peso que o capital social, conjunto ao capital cultural – ambos essencialmente herdados – pode assumir como rede de relações que não só circunda, mas justamente sustenta estas relações. No seu caso, desde cedo convertendo-se em capital simbólico no meio escolar até a idade adulta denunciando princípios ocultos de legitimação presentes no grupo social do qual pertence. Ademais, e embora provavelmente não o saiba, GM 2 nos fala sobre uma interessante possibilidade de análise sociológica do conceito de “talento”. Talvez esteja na perspectiva de GM 2, dentre as contradições possíveis em uma herança (BOURDIEU, 1998), um poderoso armamento capaz de romper, justamente, os mecanismos ocultos dela consagradores. Quem sabe munidos deste conhecimento, um dia, possam estar também os herdeiros ao combate?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de vida neste estudo demonstrada é permeada pelo acúmulo difuso e dissimulado de capitais culturais pela instância da família desde tenra idade, o que configura a herança cultural familiar. No entanto, o capital social configurado pela teia de contatos cultivada pelo agente e principalmente herdada e instigada pela figura do pai do participante desta pesquisa intensificou a ação e os efeitos que o capital cultural já demonstrava. Ao analisar o patrimônio, assim, ressalta-se a importância de se

investigar não só o componente cultural, mas também a estrutura e o volume de capitais que compõem a herança. Atualmente, a atuação do enxadrista carrega consigo forte influência do círculo relacional e da desenvoltura por ele proporcionada ao ocupar posições que exploram a sua imagem em redes sociais presentes, principalmente, no meio da *internet*. Disseminando a prática do xadrez para iniciantes e iniciados, o participante deste estudo contribui ativamente para os processos de massificação e popularização da modalidade, uma vez que a maioria de seus conteúdos é instrutiva e educativa em relação à cultura própria propagada pelo campo do enxadrismo. Decifra, assim, um universo conhecido e reconhecido por ser indecifrável.

O sucesso alcançado pelo agente foi assentado em componentes de educação e socialização construídos ao longo de todo um percurso que se destaca pelo acúmulo de privilégios culturais e sociais. As disposições adquiridas e mobilizadas, desta maneira, adquirem um traço contextual, complexo e relacional, ao contrário do que a meritocracia imputada em feitos extraordinários como a façanha de ser um Grande Mestre do xadrez pode substancialmente indicar. Sugere-se, assim, que futuros estudos se debrucem em diferentes práticas pertencentes a campos diversos, para além do educacional, no sentido de desvelar possíveis mecanismos ocultos que, tal qual os capitais culturais e sociais neste estudo, possam indicar a conjuntura pela qual desempenhos de excelência e trajetórias prolongadas de sucesso se fundamentam.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2008, p. 74-82.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003, p. 73-111.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Os universos de possíveis estilísticas. In: BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 196-211.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre; DAUNCEY, Hugh; HARE, Geoff. The state, economics and sport. *Sport in Society*, v. 1, n. 2, p. 15-21, 1998. <https://doi.org/10.1080/14610989808721813>

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? *Qualitative Research in Psychology*, v. 18, n. 3, p. 328-352, 2020. <https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1769238>

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Thematic analysis. In: TERRY; Gareth. et al. *The SAGE Handbook of Qualitative Research in Psychology*. 55 City Road: SAGE Publications Ltd, 2017, p. 17-36.

CLUBE DE XADREZ SÃO PAULO. Disponível em: <www.cxsp.com.br/>. Acesso em: 19/07/2024.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ. Disponível em: <<http://www.fide.com/>>. Acesso em: 19/07/2024.

GUILARTE, Dorges Heredia. *Modelo de planificación para el perfeccionamiento de la preparación teórico-práctica de los ajedrecistas de alto rendimiento*. Tese (Doutorado em Ciências de la Cultura Física). Guantánamo: Universidad de Ciencias de la Cultura Física y el Deporte “Manuel Fajardo”, 2012.

JANUÁRIO, Jéssica. *A herança na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros: processos educacionais e esportivos de formação de uma elite cultural*. Dissertação (Mestrado em Educação). Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2017. <https://doi.org/10.11606/D.59.2017.tde-03022021-180536>

JANUÁRIO, Jéssica. *Trajectoria esportiva de grandes mestres brasileiros: aspectos socioculturais e pedagógicos no campo social do xadrez*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte). Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2014.

SOUZA, Juliano. *O xadrez em xeque: uma análise sociológica da "história esportiva" da modalidade*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25008?show=full>

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.